



## “UMA FEMINISTA, EVA E UM PADRE ENTRAM EM UM BAR...” RELIGIÃO E HUMOR GRÁFICO NA IMPRENSA DO BRASIL E DA ARGENTINA

Cintia Lima Crescêncio<sup>1</sup>

### Resumo

Entre os anos 1970 e 1980, Brasil e Argentina foram palco da emergência de movimentos feministas que, em contextos de ditadura, não lutaram apenas contra regimes autoritários, como também contra sociedades marcadas pela desigualdade de gênero. A publicação de jornais era uma das formas de divulgação de ideias feministas e nessa imprensa o uso de humor gráfico era comum. Através de um humor transgressor refletia-se sobre uma série de temas, entre eles, religião, tema que interessa especialmente a este texto. Evas, maçãs e Moisés são representações repetidas em charges e tirinhas que, além de buscarem o riso, buscam a reflexão. Nesse sentido, o objetivo do presente texto é discutir os usos do humor gráfico para problematizar a religião na imprensa feminista do Brasil e da Argentina.

**Palavras-chave:** Jornais. Humor gráfico. Religião.

### Introdução


Podemos rir de tudo? É a pergunta que faz Allain Deligne ao apontar que o riso é circunstancial e que não respeita lugar, tempo e pessoa do riso. A subversão seria exatamente o rompimento de limites necessário ao conteúdo de uma boa piada ou anedota (2011, p. 32-33). O riso, nesse sentido, se configura a partir de uma desobediência parcial ou integral. Essa discussão é extremamente pertinente quando pensamos em temas que, tradicionalmente, não se discutem, como religião.

Podemos rir e fazer rir a partir do tema religião? A resposta imediata a essa pergunta é, certamente, não. Entretanto, é preciso uma reflexão detida sobre a modalidade de humor que se procura aplicar. Do ponto de vista teórico Henri Bergson (1978) e Quentin Skinner (2002) apontam a existência de um humor que visa a ridicularização e destruição do outro. Já Nancy Walker (1988), Regina Barreca (1991) e Umberto Eco (2011) destacam o humor como elemento capaz de provocar a reflexão e a crítica. Ao nos apropriarmos dessa segunda modalidade de humor é certamente possível rir e fazer rir a partir do tema religião e é isso que

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora do Curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, email: climahist@gmail.com.





faz o humor gráfico da imprensa feminista do Brasil e da Argentina que circulou entre os anos 1970 e 1980.

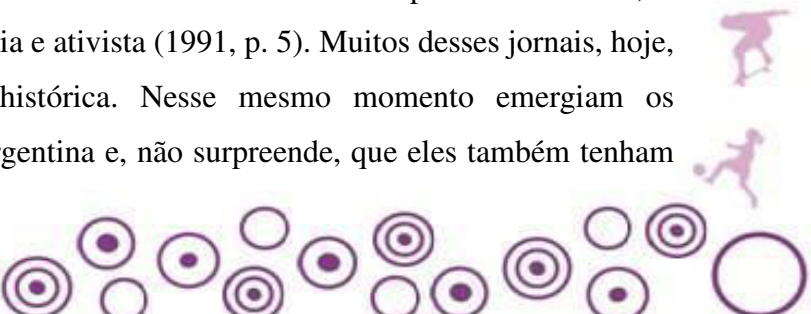
A imprensa foi uma das principais formas de difusão de ideias que diferentes grupos feministas utilizaram durante as ditaduras militares no Brasil e na Argentina. Em meio ao conservadorismo dos regimes ditatoriais e do conservadorismo da sociedade, e muitas vezes de seus companheiros de luta, uma vez que os feminismos emergiram em meio às esquerdas, foi na imprensa feminista que mulheres encontraram lugar para discutir questões consideradas “específicas”. Dentre os temas mais recorrentes de discussão estão: trabalho doméstico, política, mercado de trabalho, sexualidade e, não surpreendentemente, religião.


No clássico *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, a filósofa já apontava a visão que o discurso religioso, especialmente cristão, tinha sobre a mulher: “Sem dúvida é ela a fonte do pecado e por ela o homem perdeu o paraíso [...]” (2009, p. 267) Com olhar tão pragmático é notório que o tema Adão e Eva seja muito frequente no humor gráfico da imprensa feminista. Os discursos produzidos sobre as mulheres a partir do cristianismo foram, portanto, um catalizador para que cartunistas problematizassem essa necessidade de relegar às mulheres papéis considerados perigosos para o mundo e para o homem.

Diante desse cenário de apropriação de uma modalidade de humor que causa reflexão e riso, o presente texto tem como objetivo fazer uma breve discussão sobre religião e humor gráfico a partir da imprensa feminista brasileira e argentina publicada por mulheres feministas entre os anos 1970 e 1980, momento de emergência dos feminismos de segunda onda na América Latina. Para isso foram selecionadas 4 charges/tirinhas dos jornais brasileiros *Nós Mulheres* e *Nosstras* e do jornal argentino *Persona*, todas com motes que remontam à questão religião. Essa discussão está dividida em dois momentos. Primeiro desenvolvo um debate voltado para o tema humor gráfico e imprensa feminista do Brasil e da Argentina e por último elaboro uma reflexão sobre riso e religião a partir de temas recorrentes em charges e tirinhas publicadas por essa imprensa feminista: Gênesis e Adão e Eva.

### **Imprensa Feminista do Brasil e da Argentina e Humor Gráfico**

Durante as ditaduras que assolaram boa parte dos países da América Latina, a partir dos anos 1960, emergiu um fenômeno importante que ficou conhecido como imprensa alternativa. Bernardo Kucinsk, referindo-se a essa modalidade de imprensa no Brasil, a definiu como uma subcultura constestatória e ativista (1991, p. 5). Muitos desses jornais, hoje, são fontes valiosas para a pesquisa histórica. Nesse mesmo momento emergiam os movimentos feministas no Brasil e na Argentina e, não surpreende, que eles também tenham






feito uso da imprensa para comunicar suas ideias para o mundo. No caso do Brasil há uma vasta produção. Elizabeth Cardoso, em extensa pesquisa, identificou que entre os anos 1970 e 1990 mais de 70 periódicos feministas circularam no Brasil (2004). Destaco especialmente os jornais que publicaram charges e tirinhas que trago para reflexão deste texto, são eles: *Nosotras*, *Nós Mulheres* e *Persona*. *Nosotras* foi inaugurado em 1974 e foi publicado até 1976. Era publicado pelo Círculo de Mulheres em Paris e era amplamente distribuído no Brasil. Seu conteúdo não fazia uso recorrente da linguagem do humor, mas seus exemplares contam com algumas charges, tiras ou ilustrações que exploravam o riso como recurso. *Nós Mulheres* foi publicado e distribuído no Brasil entre 1976 e 1978, tinha uma linguagem bastante leve e chegou a ter uma coluna de humor em que publicava charges e tirinhas produzidas por mulheres (e homens) com perspectiva feminista. Suas integrantes eram, em sua maioria, ex-exiladas que tiveram contato com o feminismo fora do país ou através da universidade. O *Persona*, jornal argentino, começou a circular em 1974, mas teve sua trajetória interrompida pelo golpe argentino em 1976, tendo voltado a circular em 1980, com atividades finalizadas em 1986. A publicação fazia parte do Movimento de Liberação Feminina Argentino, uma versão do Women's Liberation Front, também conhecido como Women's Lib de inspiração estadunidense.

Em comum esses jornais tem, além do feminismo, a publicação de charges e tirinhas que problematizavam questões feministas e de interesse das mulheres. Baseadas numa modalidade de humor transgressor que não se baseia na hierarquia nem na ridicularização do outro, o humor gráfico publicado nesses jornais prima pela construção de um riso subversor que, ao final, faz pensar. Cristhie Davis, em um olhar estranhamente ingênuo para o humor, aponta que “Como arma, o humor por si só é tão eficaz quanto uma espada de borracha ou uma arma de brinquedo que dispara uma rolha” (2011, p. 102). Sem levar em consideração o potencial destruidor do humor, como bem destacado por Skinner (2002), o referido autor refere-se ao humor como uma brincadeira, um gesto sem significação ou alcance social. Essa definição aparenta fragilidade, uma vez que o humor, seja ele agressivo e com vistas à destruição – como é o caso do humor racista ou anti-feminista – ou subversivo e transgressor – como é o caso do humor feminista –, tem um inegável potencial político e constituidor de subjetividades.

No caso do humor gráfico feminista, é a segunda abordagem que se mostra mais adequada para um debate teórico, uma vez que o humor feito por mulheres, em geral, tem amplo potencial reflexivo e transformador. De acordo com Umberto Eco o humor é um





verdadeiro movimento de liberdade (2011, p. 8) e é essa definição que utilizo para refletir sobre o humor gráfico feminista.

## Riso e Religião

Bonnie Smith, ao discutir o uso do riso pela literatura amadora produzida por mulheres no século XIX, aponta esse recurso como uma forma de lidar com o trauma das revoluções e do fato de ser mulher nesse período (2003, p. 126). Na mesma direção, e com menos sofisticação, Christie Davis aponta o protagonismo dos judeus na produção do humor como prova do uso do humor para lidar com situações traumáticas (2011, p. 109). Apesar da validade da teoria de Bonnie Smith, e dos altos números de judeus produzindo humor que dão respaldo à hipótese de Christie Davis, esse não parece ser o caso do humor gráfico feminista explorado como fonte nesse texto. Nas charges e tirinhas feministas não há trauma aparente, há o destaque aos absurdos religiosos no que se refere às mulheres. Regina Barreca aponta que o humor feito por mulheres é humanizado, não costuma ridicularizar aparência ou questões sociais não passíveis de mudança (1991, p. 13) e é esse humor humanizado, e problematizador, que os jornais feministas veicularam. Apontar a ferramenta riso pra discutir religião não é, desse modo, uma forma de ridicularizar padres ou destruir a história de Adão e Eva, mas sim uma forma de demonstrar as contradições nesses personagens e histórias. Entendendo a piada como um rito, um símbolo social, físico e mental de uma experiência (DOUGLAS, 1991, p. 101), podemos analisar o humor gráfico feminista sobre religião como uma forma de subverter normas e desestruturar paradigmas religiosos, um movimento de liberdade como aponta Eco (2011). Esse uso do humor é bastante evidente em uma mesma charge publicada no jornal *Nosotras* e no jornal *Persona*.

Imagem 1



SEM AUTORIA. *Nosotras*, Paris, julho de 1974, Número 7, p. 7.

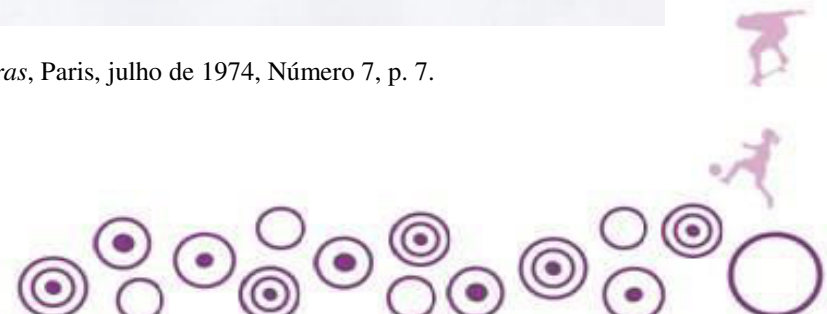




Imagem 2



SEM AUTORIA. *Persona*, Buenos Aires, outubro de 1983, Número 3, p. 13.

Nas duas imagens reproduzidas, uma de 1974 e outra de 1983, o pano de fundo é a escrita do capítulo 1 de Gênesis, de autoria de Moisés, quando Deus criou o universo e os seres humanos. Nas charges de *Nosotras* e *Persona*, Moisés está sentado em um banco, frente a uma pequena mesa, agarrado à pena. Com as sobrancelhas franzidas, fruto da interrupção durante seu processo de escrita, ele dialoga com a esposa, Séfora. Ela, com os dois filhos a tira colo, Jérson e Elieser, com olheiras profundas e uma colher de pau na mão, informa o escolhido por Deus para contar a história da criação: “Ya está lista la comida Moises”. Ela é um mãe e dona da casa, representação que acompanhará às mulheres no humor gráfico até o século XXI. Ao seu informe Moisés responde: “No me interrumpas Sefora... Que estou escrebindo el primero capitulo del Génesis”.

A charge, ao mesmo tempo que faz menção clara à criação do homem e da mulher, e de suas conseqüentes hierarquias no discurso religioso, também destaca como as desigualdades de gênero são mais antigas que o próprio velho testamento. Explorando o ambiente doméstico como cenário, ao mostrar uma dona de casa exausta apoiando o “gênio” masculino, a charge atribui à religião, mas não só a ela, a origem das hierarquias de gênero. Moisés “funda” e colhe os frutos da história de Gênesis. No mesmo sentido seguem as charges que utilizam o mote de Adão e Eva, história que também compõe Gênesis, para pontuar o que significa o discurso cristão para às mulheres.

Imagem 3




SANDRA. *Nós Mulheres*, São Paulo, março-abril de 1977, Número 4, p. 9.

Na charge de autoria de Sandra, publicada no *Nós Mulheres*, é reproduzido um cenário corriqueiro em charges brasileiras a partir dos anos 1970. Cartunistas conhecidos como Millôr e Ziraldo utilizaram exaustivamente a história de Adão e Eva para criar piadas e ironizar os simbolismos na mordida da maçã. Enquanto esses cartunistas conhecidos apontavam a desobediência de Eva como o início de todos os problemas, Sandra sugere um caminho diferente. Em sua charge, enquanto Adão saboreia sua maçã perfeita com olhar satisfeito, esboçando um “Hummm!”, Eva depara-se com uma maçã “bichada”, ao que ela responde “Ech!”, com expressão de nojo. É o vislumbre da história de homens e mulheres: a eles (os vencedores) maçãs perfeitas, a elas maçãs “bichadas”. Na mesma temática encontra-se a ilustração de *Nosotras*, mas seu desfecho é ainda mais interessante.

Imagem 4



SEM AUTORIA. *Nosotras*, Paris, abril de 1974, Número 4, p. 3.



O cartum sem autoria tem traços menos definidos que o de Sandra e, aparentemente, faz menos uso dos recursos visuais para acionar o humor. Apesar da falta de nitidez é possível observar que Adão e Eva são bastante convencionais. O tronco da árvore ao fundo e a cabeça da serpente fecham o cenário protagonizado por Eva, com uma maçã nas mãos. Ela, contudo, recusa a maçã e muito educada informa: “No gracias. Yo soy alergica a las manzanas”. No humor gráfico feminista, com mote religioso, Eva encontra vermes em sua maçã, sinal de seu futuro, ou a recusa, consciente do que o discurso religioso sobre a maçã seria capaz. Eva não tem alergia apenas a maçãs, ela é alérgica ao futuro que a aguarda. Simone de Beauvoir, no seu tom característico, afirmou:

Todos os mitos da criação exprimem essa convicção preciosa do macho e, entre outras, a lenda do Gênesis que, através do cristianismo, se perpetuou na civilização ocidental. Eva não foi criada ao mesmo tempo que o homem; não foi fabricada com uma substância diferente, nem como o mesmo barro que serviu para moldar Adão: ela foi tirada do flanco do primeiro macho. Seu nascimento não foi autônomo; Deus não resolveu espontaneamente criá-la com um fim em si e para ser por ela adorado em paga: destinou-a ao homem. Foi para salvar Adão da solidão que êle lhe deu, ela tem no esposo sua origem e seu fim; ela é seu complemento no modo do inessencial. E assim ela surge como uma presa privilegiada (BEAUVOIR, 2009, p. 181).

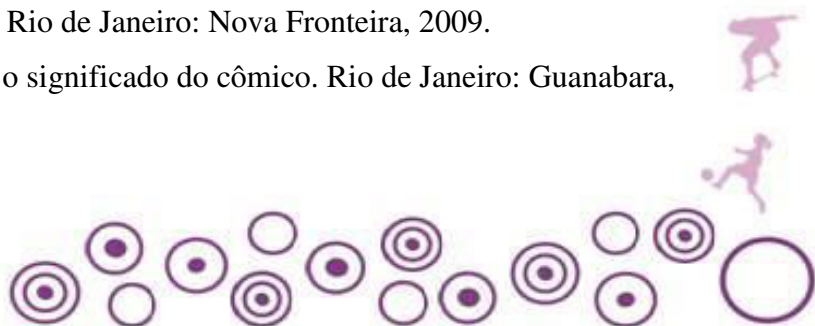
Para a filósofa, e para as cartunistas que publicavam nos jornais feministas, a história de Adão e Eva era elemento fundante e, em função disso, merecia discussão. No humor gráfico feminista ele assume, então, seu lugar na chacota que não se apóia na ridicularização de Adão ou de Deus, mas sim no inconformismo de Eva. Em um humor com pretensões de liberdade, como é o caso do humor gráfico feminista, o foco é na desestabilização do discurso religioso-cristão que contribuiu para a construção de desigualdades e hierarquias de gênero. Retomando o título deste texto, “Uma feminista, Eva e um padre entram em um bar...” e a partir das Evas que protagonizam o humor gráfico feminista de Brasil e Argentina, o desfecho não poderia ser outro: no balcão do bar o padre oferece a Eva um “apple drink”, enquanto a feminista observa a tudo com olhar de preocupação. A feminista, pronta para intervir, é surpreendida por uma Eva enérgica que rapidamente recusa a oferta, afinal: “Eva é alérgica a maçãs”.


## Referências

BARRECA, Regina. **They used to call me snow white... but I drifted.** Women’s strategie use of humor. Penguin Book’s: USA, 1991.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGSON, Henri. **O riso:** Ensaio sobre o significado do cômico. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.





CARDOSO, Elizabeth. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. Dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2004.

DELIGNE, Allan. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? *In*: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOUGLAS, Mary. **Implicit Meanings**: Essays in Anthropology. New York: Routledge, 1991.

ECO, Umberto; IVANOVV, V.V e RECTOR, Monica. **Carnival!** Approachs to Semiotic. Berlin, DEU: Walter de Gruyter, 2011.

KUCINKSK, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários nos Tempos da Imprensa Alternativa**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1991.

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica. São Paulo: EDUSC, 2003.

WALKER, Nancy A. **A very serious thing**. Women's humor and American culture. United States: American Culture, 1988.







UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

